

Trânsito e Autoridade

Rubem Braga

TEM início hoje, no Rio, uma campanha de repressão para diminuir o número de acidentes do trânsito. Certas transgressões serão punidas com o recolhimento do veículo por 10 dias e suspensão da carteira por 90 dias, além das multas, que são pesadas, e, conforme o caso, de processo penal.

Já critiquei muitas vezes o coronel Fontenele, mas ninguém lhe pode negar desejo de acertar e dedicação ao serviço. O que lhe faz mal é o vedetismo exasperado, que o próprio governador Lacerda (que não gosta de concorrência) já criticou de público; além disso, e pior, a falta de respeito aos direitos e à dignidade do cidadão, visível não apenas nos lances de suas demonstrações pessoais de desafôro, berreiro e «valentia», como na oficialização desse ato de molecagem que é o esvaziamento de pneus.

Façamos votos para que o coronel volte das férias mais sereno e sóbrio; mas quem conhece o trânsito do Rio sabe que sua energia é estimável, desde que despida de arbitrariedades e exibicionismo infantil.

Uma campanha de repressão, mesmo com penalidades exageradas, merece apoio; não há outro modo de combater o abuso criminoso dos motoristas, principalmente os dos ônibus. Em uma destas tardes, tendo de esperar uma pessoa numa esquina da avenida Copacabana, assisti em quarenta minutos a dois avanços de sinal e duas ultrapassagens perigosas, além de um pequeno acidente causado por falta de freios. Em todos os casos os transgressores foram motoristas de ônibus. Acredito que uma revisão da habilitação desses homens do ponto de vista psicológico ou um estudo das condições em que trabalham contribuiria para diminuir o número de acidentes. De qualquer maneira as penalidades novas, que atingem não apenas o motorista como o interesse das empresas, contribuirão para isso.

Há um problema, entretanto, que o coronel Fontenele não desconhece, mas a que parece não dar demasiada importância. Refiro-me à corrupção dos guardas do Trânsito e também de outros policiais que às vezes são utilizados no serviço. Se queremos civilizar o trânsito do Rio, uma das primeiras providências é selecionar os agentes da autoridade para ter um corpo de servidores como as grandes cidades civilizadas têm. Em Londres ou em Paris ninguém pensa em dar uma «bola» ao guarda. O mais que o infrator faz é «cantar» o agente, pedindo-lhe desculpas, alegando isso ou aquilo a seu favor. No Rio há, certamente, muitos guardas honestos, mas o número dos que aceitam um «agrado» é um tanto exagerado. E o pior é o seguinte: quanto mais severas são as penas ditas pelo Departamento, maiores são o descaramento e as exigências dos «comedores de bola». Estou quase a fazer uma aposta: com essa campanha de repressão, a «bola», que no ano passado subira para 5 mil cruzeiros, será reajustada para 10 mil...

Disciplinar o trânsito sem que o público sinta um verdadeiro respeito pela autoridade é impossível; e não é com o desafôro nem muito menos com a corrupção que a autoridade se faz respeitar. Por que não iniciar também uma campanha severa contra os maus guardas? E por que não tentar conquistar o respeito, digamos, intelectual do público, revendo medidas absurdas como a mão-única na avenida Atlântica fora das horas do «rush» — coisa que todo mundo vê e sente que é uma tolice e que o Departamento mantém de pura teimosia? Cito apenas um exemplo; na verdade há centenas de erros ou exageros a corrigir, sem falar nas «tocalias» oficiais, em que o motorista é induzido a cometer uma infração para depois ser punido.

Enfim, vamos ver se agora o coronel usa um pouco mais a cabeça e um pouco menos o dedo em riste, à maneira histórica do Armando Marques, juiz (aliás competente) de nosso futebol...

1.9.65

1.9.65